

Secretario da Redacção
D. CONSTANTINO CUMANO
EDITOR
MARIO BRANCO
COMPOSTO E IMPRESSO NA
1.ª REGIONAL EDITORA L.ª — FARO

A IDEIA REPUBLICANA

SEM ANARIO

Director: DR. ANTONIO AGOSTINHO

ADMINISTRADOR
MARIO RIBEIRO BENTO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça Alexandre Herculano, 26
Propriedade do Grupo Editor de
«A IDEIA REPUBLICANA»

Os meus receios

Os artigos «Palavras Claras» e «Insistindo», publicados nos dois últimos números de *A Ideia Republicana*, trouxeram ao meu espirito estas duas ansiosas perguntas:

— O que virá depois desta situação?

— Como sairemos dela?

O fim principal do movimento de 28 de Maio, sem dúvida motivado pelo vergonhoso descalabro a que a nossa politica tinha descido, foi por assim dizer, aniquilar os partidos existentes.

Para isso, a meu vêr, bastava apenas que a situação forte que desse movimento saiu, tivesse promulgado, como já disse aqui, as leis necessárias para a destruição das engrenagens dos partidos e, ao mesmo tempo, com os meios que para isso tinha ao seu alcance, impulsionasse a formação de novos agrupamentos, em moldes diversos.

Mas já lá vão quasi três anos sobre o 28 de Maio e essa obra ainda está por realizar.

De forma que eu, como muitos outros portugueses cuja politica é apenas patriotismo, tenho bem fundados receios de que esta situação desapareça sem ter feito esta coisa que tinha obrigação absoluta de fazer.

Se tal se desse, talvez nós viessemos cair, mais tarde ou mais cedo no que estava, apesar dos esforços honestos de muitos e bons cidadãos.

Por isso, o actual problema politico do nosso país faz-me vertigens.

A ditadura é apenas uma forma transitória de governo. Não podendo conceder todas as liberdades civicas, ela muitas vezes pode ser obrigada a recorrer á força; e o emprego da força num país como o nosso, em que todo o homem tem arreadamente o sentimento da liberdade e o ódio á violência — é sempre prejudicial para quem o emprega: faz mártires e carrascos.

Ora o povo português, por um sentimentalismo que se não pode modificar facilmente, corôa os mártires e despreza os carrascos.

Assim eu receio que o passado venha substituir o que está, embora contra a vontade de todos os que honestamente o combatem ou o defendem, só por isso.

Os partidos antigos deviam a sua força á máquina que tinham arranjado, e assim formada: Em todas as terras havia um chefe, ou uma comissão chefe que tinha as melhores relações com o director ou directório. Era preciso livrar um filho da tropa, pagar menos imposto, conseguir um emprego? A comissão recomendava o caso ao directório, com mais ou menos interesse, conforme a importância pessoal do pretendente; e o directório resolvia o assunto, porque neste malaventurado país, as coisas estavam dispostas por maneira que, só muito raramente, ele não o podia resolver.

Podia esta máquina destruir-se ainda?

Podia: Bastavam sécias leis de responsabilidade e garantias, que pudessem vir em auxilio de quem justamente o requeresse, facil e prontamente.

Depois disto, a justa anulação de todas as penas impostas por motivos politicos, com uma ampla liberdade de propaganda (liberdade diferente de licença) por maneira que todos pudessem defender ou atacar honestamente os seus pontos de vista e os contrários — e tudo estaria resolvido.

Assim a situação prestaria um serviço que ninguém deixaria de considerar.

Doutra forma, porém... eu receio muito que o passado venha substituir o presente...

L. S.

O ESTADO PERFEITO

Ninguém contestará que, mesmo nos países mais bem governados, o Estado se vê rodeado de grandes dificuldades. Mas a facilidade com que, hoje em dia, se declara a falencia de doutrinas e de instituições, ontem ainda consideradas como uma glória da nossa época, é um fenómeno único na História. Nunca se tinha ainda visto uma civilização renegar com tanta facilidade aquilo que, na véspera, considerava o mais precioso de todos os bens! Um sinal não menos inquietador é a ligeireza com que, mesmo nos países que têm a sorte de gozar ainda de uma ordem sólida, tanto as camadas superiores como as inferiores se deixam entusiasmar por novidades politicas, cujo futurismo bizarro salta aos olhos, unicamente porque elas contradizem ideas universalmente aceites até hoje. Há em muitos espiritos, cultos ou ignorantes, uma tendência cada vez mais forte para acreditar que a salvação só pode encontrar-se em métodos e doutrinas inteiramente novas, como se tudo que nós fizemos até hoje apenas tivesse sido um erro continuado.

Em suma, sentimos-nos tão seguros de podermos criar um Estado perfeito que não hesitamos em lhe sacrificar bens a que, há pouco tempo ainda, davamos um valor incalculável como, por exemplo, a liberdade.

Também os antigos queriam aperfeiçoar o Estado; mas sabiam que esse aperfeiçoamento não podia realizar-se senão dentro de certos limites. Nós perdemos a consciência desses limites; raciocinamos sobre as instituições politicas, como se elas fossem de cera e cada geração pudesse modelá-las segundo as suas idéas; como se a elas pudessem impôr-se-lhes todas as mudanças e resultados que a nossa concepção do bem público reclama; como se tivéssemos a liberdade de escolher entre todas as doutrinas politicas que o espirito humano é capaz de criar...

Esta agradável opinião é contudo, intelizmente, uma ilusão e uma ilusão perigosa. As mudanças que uma época e um país podem introduzir nas suas instituições politicas são pouco numerosas e não podem ser aumentadas pela simples vontade dos homens. E são ainda menos numerosas se esse povo deseja ter um governo legítimo e cujo direito de mandar não possa ser, a sério contestado. Como se simplificaria a situação politica de todos os países da Europa e da América, se esta idéa penetrasse profundamente pelo menos no cérebro das elites dirigentes! Quantos sonhos, que complicam e perturbam tudo, se desvaneceriam!

Porque a situação politica da Europa que, sob certos pontos de vista, parece tão complicada, é no fundo bem simples. Depois da queda dos Romanoff, dos Hohenzollern e dos Habsbourg e do desmembramento do sistema monárquico, não há, na Europa, outro principio de autoridade além da soberania e da delegação do povo; não há governo legítimo além do governo representativo. Mesmo a restauração parcial de uma ou mais dinastias em nada mudaria a situação. Se o destino quizesse que algumas dinastias retomassem o poder, não poderiam estas retomá-lo senão sob a forma de monarchias plebiscitárias, baseadas no consentimento mais ou menos sincero das massas. O direito divino dos reis, como base de autoridade, acabou.

Nunca será demais repetir, porque aí se encontra a chave da situação da Europa e da América, o seguinte: não temos possibilidade de escolher entre os governos representativos e outras formas de governo que possam parecer nos melhores; apenas podemos escolher

entre três ou quatro formas de governo representativo e aventuras revolucionárias que todas elas se reduzem sob diferentes nomes e bandeiras, ao despotismo dum minoria, exercida pela força, para fins mais ou menos definidos.

Parece provavel que o futuro da Europa venha a depender desta idéa e das probabilidades que ela tenha de se impôr á elite intelectual, aos partidos politicos e á consciencia das massas. Só ela pode dar uma direcção precisa e fecunda aos esforços, que por toda a parte se estão fazendo, para estabelecer solidamente a ordem. Só ela pode tirar a força revolucionária a muitas idéas e doutrinas hoje muito populares, e obrigá-las a contribuirem para a grande obra do estabelecimento dum nova ordem.

Os governos representativos são objecto de criticas gerais. Mas as criticas podem ser ou um veneno mortal ou um remédio salutar, uma força revolucionária ou um principio de reforma, conforme se inspirarem nesta idéa.

Se partirmos da convicção de que é possível fazer funcionar, na Europa, um governo lóca do principio representativo e encontrar, lóca deste principio, toda a espécie de felicidades desconhecidas, essas criticas levarão a atacar o principio, em si, e deram: na Rússia, o atentado de 1917 contra a Constituição, e na Itália o golpe de estado de 1922 contra o Parlamento e a sua maioria. Mas se nos persuadirmos de que, lóca do principio representativo e da delegação legal do poder, há hoje apenas o despotismo armado dum minoria e dum facção, essas criticas levar-nos-hão a corrigir os defeitos do regimen representativo, sem atacar o principio em si, visto este nos ser imposto por necessidades mais fortes que os nossos desejos. A inviolabilidade desse principio será uma barreira que nós não devemos ultrapassar nunca, no nosso esforço de aperfeiçoamento do Estado moderno; e as criticas ao regimen, em vez de constituirem um poder revolucionário e destrutivo, serão um elemento de aperfeiçoamento construtivo. Trata-se, em suma, tambem aqui, de uma questão de limites. A aspiração á perfeição, tanto na politica como na moral e na arte, é uma das mais nobres aspirações da alma humana; mas pode tornar-se, tambem, uma das mais perigosas se lór desproporcionada ás forças e ás possibilidades dos homens. O homem que quere aperfeiçoar uma coisa além daquilo que lhe é possível, acaba por destruí-la. O ideal do governo perfeito, que obsidiou o mundo antigo, foi a causa da longa anarquia em que a Europa viveu durante a Idade Média. Não parece provavel que a nossa época esteja ameaçada dum catástrofe dessa importância; mas o que é certo é que esse ideal poderia tornar muito mais longa e penosa a solução da grande crise politica criada na Europa pelo desmoronamento do sistema monárquico, se não olharmos aos limites dentro dos quais ele pode ser realizado. E estes limites parecem ser determinados pelo facto do único principio de autoridade universalmente reconhecido ser o da delegação do poder. Sejam quais lórem os perigos e as fraquezas deste principio, todas as tentativas para procurar uma solução lóca dele, complicarão o problema da ordem sem o resolverem.

Guglielmo Ferrero.

De «A Seara Nova», que o transcreve no seu numero de 1 de Fevereiro, da notavel obra «Entre le passé et l'avenir».

AQUI PARA NÓS

À propósito

Como todos os portugueses, os algarvios tem muitos defeitos.

Crédulos, messiânicos, fatalistas, estão sempre dispostos a admirar e cair em as coisas e homens que de lóca lhes veem, tendo ao mes o tempo o maior desprendimento pelos homens e pelas coisas da sua terra.

São contudo mais civilizados do que geralmente se pensa e, embora pacíficos e muito amigos do «não se faz caso», tem ás vezes exigências bem falhas de razão.

Assim, chegam ao ponto de exigir delicadezas de trato, a pessoas que, por falta de hábito, estão absolutamente impossibilitadas de as ter.

Cá e lá

O chefe do partido fascista inglês que usava o nome de Barker e se dizia coronel, passava há anos por homem, ao abrigo de todas as suspeitas.

Agora, porém, descobriu-se esta coisa: «O homem em questão era mulher» — como diria o Banana — e de tal ordem que, tendo sido anulado o seu primeiro casamento, com um homem — casamento de que lhe ficaram dois filhos — contraiu segundas núpcias... com uma mulher.

E de tal forma se portou com a nova esposa que esta declara, segundo diz a grande imprensa, nunca lhe ter notado qualquer anormalidade...

O caso nada tem de extraordinário, quanto a nós. Houve sempre politicos em Portugal que, fazendo passar por homens, eram apenas umas pobres regateiras, sem nada de inofensivas.

Os desempregados

Falando em Londres sobre os desempregados, o Príncipe de Gales disse aos grandes potentados do comércio e da industria: Os únicos responsáveis por esta crise tremenda sois vós.»

Se algum de nós fosse dizer em Portugal uma verdade desta força — era bolchevista. E se fosse governante que o dissesse, t'ha que desdizer-se pouco depois, a não ser que se quizesse arriscar a gravissimos dissabores, o menor dos quais seria, por certo, os fatalissimos artigos de fundo, mais ou menos contundentes, dos nossos grandes órgãos conservadores... daquilo que conseguimos arranjar, por mal dos nossos pecados.

Da Turquia

Os funcionários civis e militares turcos só poderão casar com mulheres do seu país, sob pena de demissão.

Esta medida de Mustafa-Kemal só diz respeito aos homens, podendo as mulheres casar com estrangeiros. Assim, os portugueses que gostarem, não ficam, infelizmente, privados de poderem apanhar a sua turca...

Mas nós ousamos lembrar ao governo um decreto semelhante para cá.

Quando mais não fosse os srs. Ministros conseguiriam fazer uma coisa que havia de merecer, pelo menos, o aplauso caloroso das mulheres — e já não era pouco.

Entretanto algum português que fosse á Turquia, vendo alguns olhos a querearem fasciná-lo, havia de resistir por força de lei exclamando com decisão: «As turcas são para os turcos...»

O país nada perderia, muito embora se pense geralmente o contrario. E nós não assistiríamos a scenas nem sempre agradáveis nem teriamos o desgosto de suportar muitas vezes profundas lamentações... tão dolorosas quanto enfadonhas.

Dr. Antonio José d'Almeida

Passa felizmente melhor dos seus incómodos o antigo presidente da Republica Portuguesa, sr. dr. Antonio José de Almeida. Político dos mais belos ideais, caracter do mais fino quilate — «A Ideia Republicana», que o venera profundamente, congratula-se com as suas melhoras e deseja-lhe um muito breve e completo restabelecimento.

Dr. Silva Nobre

Esteve alguns dias retido em casa, por doença, este nosso querido amigo e prestimoso compaheiro que gosa, em toda a cidade, a maior e mais justa consideração.

Macedo Ortigão

Com um ataque de gripe, esteve alguns dias de cama este nosso venerando amigo, antigo redactor do «Diario de Noticias».

Actualidades

Interessantissimo, como todos, o último numero deste semanario que continua a afirmar-se a melhor publicação do género que em Portugal se faz.

Entre a costumada e valiosa colaboração, o último numero publica uma brilhante crónica de Paris do apreciadissimo escritor Victor Falcão, que conta em Faro numerosos amigos e admiradores.

Eduardo de Sousa Agostinho

Tem estado doente este nosso prezado assinante, extremo ir mão do nosso director. Fazemos sinceros votos pelas suas prontas melhoras.

A Língua Portuguesa

Dirigida pelo distinto professor Rodrigo de Sá Nogueira, d ve iniciada em breve a sua publicação mensal, uma revista assim denominada — que se pretende publicar apenas para a formação intelectual dos estudiosos.

Desejamos-lhe uma longa vida cheia das maiores prosperidades.

Notas internacionais

A QUESTÃO MEXICANA

Os leitores já sabem, pela grande imprensa, que estalou mais uma revolução no México. O que querem os revolucionários? O que valem as críticas á actual situação politica mexicana?

São estes os dois pontos que tratarei hoje.

O pessoal governativo do México é, desde a revolução do general Obregon, constituído pela aliança de dois grupos politicos distintos: a liga agraria que tinha em Obregon o chefe de mais prestigio; o partido trabalhista, constituído pelos sindicatos operários, a «crom» — Confederação Regional Operária Mexicana, de que é «leader» Luis Morones — e um grupo politico cujos principais chefes são Calles e o actual presidente Portes. Os chefes da actual revolução, o candidato á presidencia Valenzuela e os generais Escobar e Manzos, são ou foram até agora, «obregonistas notórios. É por isso se julgou a principio que o seu acto revolucionário fosse uma vingança contra Calles e Morones acusado de, pelas suas intrigas, prepararem o assassinato de Obregon. E a revolução não seria mais do que a ruptura, «a mexicana» da aliança entre agrarios e trabalhistas.

Mas os diversos organismos da «liga agraria», têm-se posto, decididamente, ao lado do governo de Portes Gil, resolvidos a, conjuntamente com os trabalhistas, salvarem a obra comum da revolução obregonista.

Desta maneira o acto revolucionário não passa dum gesto de despeito de alguns politicos e generais, talvez, se são certas as declarações atribuídas ao general revolucionário Topete, com ligações com os elementos católicos.

Mas poderá explicar-se a actual revolução pelas violências incríveis que todos os dias os jornais católicos do mundo inteiro atribuem á gente de Calles? Será este do facto o monstro sanguinário e imbecil que «A Voz» e quejandos jornais nos pintam? Não teria a revolução obregonista feito mais nada do que prender alguns bispos e fusilar alguns padres? Só um cego fanatismo ou um completo desconhecimento é que poderá julgar com tal ligeireza a obra colosal realizada pelos governos de Obregon e Calles. A reforma agraria com a divisão de todos os grandes latifundios; a exploração metódica da maior parte dos baldios; a legislação social tão avançada como a dos mais progressivos países europeus; o novo regimen da exploração das minas e poços de petroleo em que a soberania do Estado mexicano ficou absolutamente salvaguardada, acabando com esses pequenos estados, dentro do Estado, que eram as grandes companhias estrangeiras; e a reforma completa da legislação civil — tais são as principais obras dos governos dos «tiranos» Obregon e Calles.

Na luta contra a reacção religiosa foram cometidos abusos e mesmo atrocidades injusti-

Hospital

A direcção do hospital de Faro, tendo constatado que nesse estabelecimento se tinha realizado um casamento religioso sem o prévio registo civil, tomou as seguintes deliberações com o fim de evitar a possível repetição de ilegalidades semelhantes:

Comunicar o facto a quem de direito;

proibir que qualquer acto religioso seja ali realizado sem o prévio conhecimento do médico de serviço;

não permitir a realização de qualquer cerimonia religiosa a dentro do edificio hospitalar, senão ao respectivo capelão.

Oxalá que estas medidas sejam bastantes para o conseguimento do fim desejado.

Nós duvidamos.

Conhecendo, como toda a gente, a causa única e persistente deste e outros factos lamentáveis que no hospital se tem dado, estamos convencidos de que os Mesários da Misericórdia, se quizerem librar-se de responsabilidades em actos futuros, apenas tem o meio que lhes apontamos no ultimo numero: «Cortar o mal pela raiz».

Dr. José F. Cortes de Menezes

É talsa a noticia dada por um jornal desta cidade da morte deste illustre clinico de Alentejo, cujas melhoras se vão felizmente acentuando.

Muito sinceramente desejamos o completo restabelecimento do sr. dr. Menezes, pai do nosso amigo dr. José Menezes.

Que quiere dizer isto?

De «O Povo» de 1 de Março: O diário «A Província de Angola» de 15 de Janeiro último insere a seguinte noticia:

«O sr. Alto Comissario de Angola disse a um jornalista que lhe perguntou se esta Colónia estava de facto destinada a ser um Portugal Maior: — Se a este Portugal Maior se liga uma idéa estreitamente territorial, eu respondo pela negativa; se ao Portugal Maior dermos uma interpretação mais ampla, mais humana e por isso mais comprehensiva e transcendente, eu responderei: — Sim, Angola será afinal Angola como Brazil é o Brazil e os Estados Unidos são os Estados Unidos e a Argentina é a Argentina.

Povoada por portugueses, italianos, polacos, russos, negros mestiços, ingleses, belgas, pelos autoctones e por todas as correntes migratórias que as circunstâncias até lá conduzam, constituídos em consumidade politica, Angola não será portuguesa como os Estados Unidos não são ingleses, mas assim como os Estados Unidos nasceram dos destinos históricos do Reino Unido, Angola terá sempre o selo da sua origem portuguesa».

ficaveis? É indubitavel. Mas é preciso ter-se em conta, para explicar e não para justificar esses actos, o caracter violento e meio selvagem do mestiço, que forma o fundo da população mexicana, e a intensidade das lutas politicas no Mexico. Os próprios católicos mexicanos comportaram-se como os soldados de Calles e, como estes, assassinaram, roubaram e incendiaram sempre que puderam.

No conjunto a obra de Obregon e Calles apresenta-se como qualquer obra de notavel que profundamente remodelou a estrutura do Estado Mexicano.

C. C.

Bons impressos? So na Tipografia Regional Editora

PARA ELA

(ao Poeta Bernardo de Passos)

Olha a graça do beijo que me deste
quanta alegria trouxe ao meu olhar.
Sinto a alma cá dentro azul celeste,
oiço o meu pobre coração cantar.

Fez-se estrada florida a senda agreste
que tenho de seguir pra te alcançar.
Pague-te Deus o bem que me fizeste
com quantos bens tiver para me dar.

Vejo-te ainda trémula de pejo,
cerrados esses olhos virginais,
linda Nossa Senhora do Desejo.

Oh! bem haja este amor tão cheio d'ais,
que morre de alegria a cada beijo,
para ressuscitar pedindo mais!

MARIO SALGUEIRO

DO PROBLEMA MORAL

Aquele magno problema da vida da humanidade, que é o seu problema moral, deu-lhe o cristianismo uma base de solução na té que ia tóda para a idea de uma religião de amor revelada aos homens, em que estes deveriam pois acreditar firmemente como condição que garantia por um dogma inacessível á sua razão, o respeito pelos direitos do próximo no trato quotidiano da existência colectiva.

Como, se desaparecia a crença, desaparecia o motivo desse respeito, restava a Schopenhauer o apêlo á simpatia entre os homens que movidos de uma profunda piedade viam nos direitos do próximo os seus próprios direitos, sendo no seu próprio ser que se feriam, se feriam outro ser, numa concepção panteista da vida que estendia esse próprio amor aos irracionais que o cristianismo excluiu.

Mas onde buscar o fundamento real e certo desse apêlo, se, precisamente o que se opõe, entrava, essa simpatia, da sensibilidade sem dúvida, é a própria força das afeições, da sensibilidade, em luta indecisa com a força da libertação de alma, com o poder de liberdade da razão?

Spinoza o sentiu bem a ponto de fazer sentenciadores da sua Etica inteiramente opostos entre o determinismo e o livre arbitrio.

Nesta ordem de ideas apareceu uma notavel solução do problema moral sob a forma de um novo dogma, (princípio racional abstracto sem applicação na realidade concreta, como queria Schopenhauer), o dogma do imperativo categorico de Kant, que dissera: eu sonhava e suponha que a vida era beleza, acordei, e vi que da vida era dever.

Então, para que a vida se fôsse de uma vez regenerar pela convicção sentida desse imperativo do dever absoluto, em que se calcava aos pés o que a vontade dos desejos e das paixões pedia, para a subordinar a outra vontade superior em que só imperava a justiça, sim, de molde que a norma da tua conduta pudesse ser arvorada em norma de conduta universal, para isso, seria pois necessário deixar-se de sonhar, acordar se desse formidável sonho que é todo o drama da vida em toda a plenitude do instinto de viver, sofrendo embora.

Os homens são aqueles Príncipes da História que na ânsia de apurar a satisfação das suas paixões e desejos laquearam as veias de desespero ao sentirem fugir lhes um gozo que julgaram inextinguível.

É o sonho, que outras vezes é feito do encanto da mulher que a desgraça divinizou para criar a paixão sedenta de sacrificio e tóda a beleza da descrença de quem a ama. Símbolo da interferência da Arte na expressão da angústia e insatisfação humanas, Arte, literatura, poesia em que ha muitas escolas e géneros para os retóricos, mas que, mesmo reduzidas essas escolas, como o fez Madame de Stael, ás proporções de um classicismo pagão em face de um romantismo cristão, são ainda balizas caducas que se destazem em cinza do fôgo vivido da paixão pagã do

poeta latino Catulo, quando cante a sua própria alma em ascensão cristã, de infinito, de dor, perante uma Lésbia pérfida, que é tão sómente para nós o motivo terreno do debate da alma de encontro ás grades da sua prisão.

O poeta (e nós chamamos a atenção para as suas últimas líricas) vai em escalada de irreductível trágico a transpor os successivos obstáculos da dor que depura em busca do ideal, como se de um amor último a atingir fôsse um sumido eco na terra este amor do corpo que é preciso resgatar pela dor de viver.

O lirismo de Catulo é a arte realmente inspirada na vida que obriga a sonhar.

De um lado o mundo sensível das paixões que arrastam o homem á dor através do sonho, obstáculo em que esbarra a nossa pura liberdade moral, e do outro lado o reconhecimento da necessidade de subordinar a nossa conduta ao dever, de ir aniquillar a dor pela conduta de uma razão que impõe uma norma moral contra o instinto immediato, — eis a aparente contradição, — pois é precisamente nessa luta que se vai adquirindo o sentido de uma vida miseravel que necessita de ser melhorada por princípios espirituais superiores que só da experiência do inferior poderiam ser proclamados necessários. Ou então, mundo dos fenómenos, mundo provavel de expiação, cada prova da sua desgraça é um momento necessário de uma transição para o melhor, e em cada prova da luta está então um momento da própria libertação.

É uma afirmação estoica do instinto de viver sensível e racionalmente já, condenação de uma fórmula de felicidade pan-suicida querida de alguns pensadores, beleza e sacrificio redentor, puro sentido da vida.

E se, para o caso que trouxemos, o amor pagão se sublimava num desmentido atroz do que foi em beijos de principio, como um resgate, pelo sofrimento, de uma tara de pecado, para uma afirmação de renúncia e para uma compreensão do amor como um sentimento mais forte do que a própria morte, no dizer da crítica, assim tambem no amor dentro da consciencia cristã: O sonho é então Margarida que vai o Céu depois de ter sido o motivo que acorrentou Fausto na terra ao contagio do sofrimento mútuo. E a beleza mede-se pelos momentos de libertação de cada dor que de cada vez mais alto levanta o ideal de um superior entendimento, que é desentendimento terreno e transitório, mas que como é ânsia e tendência é êle mesmo o próprio ideal. Daí a preferencia na vontade de viver em todos que vão em torturado passo pela vereda que conduz á ascensão de Margarida.

Cruel prova sem dúvida, se amanhã fossem dados á humanidade sómente oito dias mais para viver, que infinita saudade a de presenciar cada ocase do Sol, daquele Sol que era tão belo mesmo iluminando um Mundo semeado de abrolhos.

«Ao sumir-se de todo ainda nos haveria de parecer que estava parado, como alguém que no limiar do seu almejado descanso, voltasse a face á Terra pa ra gritar pelo corpo amado.

F. P. de Azevedo

EDUCAÇÃO E ENSINO

Não ensineis aos outros coisas que os não interessem e que não possam comprehender

Vauvenargues

A moral na Escola

Com quanto não tenhamos notado ainda o mais insignificante resultado do que neste lugar temos dito a propósito dos vários capitulos da Educação, permitimo-nos entre tanto não desistir de continuar, embora continuemos a não ter illusões sobre a inefficácia da nossa propaganda. Reconhecendo a vantagem de estreitar as relações entre a familia e a escola, nós preconizámos a organização duma associação de pais de alunos. Até agora nenhum pai veio até nós pedir-nos quaisquer informações.

Tambem não nos consta que qualquer outra pessoa tivesse sido abordada sobre o caso. Igualmente nos occupámos da organização dos arquivos, das bibliotecas, dos cursos nocturnos municipais para adultos e, que nos conste, ainda até ao presente. Câmara nenhuma deu o mais pequeno passo para tal eleito.

De modo que estamos reduzidos á clamar num deserto — êste deserto do Algarve povoado por quasi trezentos mil surdos dos piores, que são precisamente aqueles que não querem ouvir.

Ainda quando concedessemos que a familia desempenha capazmente o seu papel de educadora nos estreitos mas importantissimos limites do lar, de duas verdades nos persuadimos nós de que a familia está convencida, a primeira é de que toda a educação do caracter da criança não se completa em casa, mas que tem de se continuar na escola; a segunda, que a escola, tendo obrigação de proceder com mais cautela mas tambem com mais firmeza (porque a criança vai crescendo, e, na escola, o seu poder de observação e a sua curiosidade são já maiores) carece de toda a liberdade de acção. O que não quiere dizer que dispense o concurso da familia, concurso que não pode nunca tomar o caracter de intervenção.

Esse concurso exerce-se de uma forma semelhante ao que o enfermeiro presta ao doente sob as determinações do medico. Para o nosso caso o mestre, observando a criança, e tendo assentado em uma orientação, carece de que a familia, em casa, seguindo as suas prescrições, continue a obra diária começada na escola. Neste capitulo da extensão da acção da escola há muito quem pense que seria melhor que o mestre fizesse todo o trabalho, entendendo que a acção dos pais terminou em casa. Nesta ordem de ideas surge o internato como solução. Ora a vantagem do internato é apenas aparente e só justifica a comodidade egoista das familias para as quais, parece, o encargo da educação dos filhos é um pesado fardo que elas procuram alijar o mais rapidamente possível, eximindo-se ás responsabilidades que voluntariamente se criaram. Argumenta-se com os hábitos de ordem e de disciplina que a criança ali adquire. E aqui está como a familia se passa a si mesma um diploma de desordenada e de indisciplinada e ostensivamente reconhece a sua incapacidade.

O que é forçoso que se reconheça é que a vida da criança tem que se passar em casa, na escola e na rua. Metê-la num internato é sequestrá-la á casa e á rua, e esta, é, sem contestação, um factor de educação poderosissimo. Pondo á prova quotidianamente as qualidades da criança, valhe fornecendo ao mesmo tempo, insensivelmente, os elementos de prática, dando se ela propria, a criança, a conhecer, exercendo ela propria a sua influencia, num trabalho de convivio sem o qual a sociedade não tem significação. As familias são, na generalidade, incompetentes para desempenhar o seu papel educativo mas não recorrem, de ordinario, ao mestre para que as olucide.

Quantos males futuros não evitariam elas aos filhos se deixassem igualmente de recorrer a certas entidades virtuosas de puro officio e se governassem apenas com a sua insuficiencia?!

D.

Fogão VENDE-SE um de ferro, em estado de novo, na rua Castilho, 14.

Grande Hotel

Reabriu há tempos o Grande Hotel e o seu proprietário, um amigo de rasgatas iniciativas, resolveu promover nele, aos domingos, elegantes jantares-concertos.

Pois apesar dos maus agouros de alguns amigos mais botas de elástico, os jantares-concertos tem tido a maior e mais fina concorrência, fazendo que o «Grande Hotel» seja, nas tardes de domingo, o ponto de reunião preferido pela sociedade elegante.

Congresso dos Republicanos algarvos

Por motivos imprevistos só no próximo número podemos publicar algumas opiniões sobre a realização desta idéa que, como era de esperar, despertou o maior entusiasmo em todos os republicanos do Algarve.

O facto de não publicarmos todas as comunicações recebidas não representa menos consideração pelos nomes que as subscrevem nem menosprezo pelas opiniões expostas.

A' Americana

No sábado passado ardeu em S. Luiz uma fabrica de cortiça, propriedade do industrial sr. Lopes Viegas.

Pois a Companhia seguradora da fabrica de que é agente o dr. Humberto Pacheco, liquidou o sinistro logo na segunda feira, isto é, no dia útil immediato.

ARREMATACÃO

No dia 17 do corrente mez e seguintes pelas 13 horas, no estabelecimento comercial do talido Guilherme I. Canada, sito na rua Conselheiro Bivar n.º 44, desta cidade se ha-de continuar á arrematação em 3.ª praça, sem valor e arrematar a quem maior lance oferecer, os bens arrolados e constan es dos autos comerciais de talencia apresentada pelo referido Guilherme I. Canada. Por este mesmo anuncio ficam citados quaesquer crédores incertos para assistirem, querendo, á arrematação.

Faro, 7 de Maio de 1929.

O Escrivão,

Antonio de Sousa Ramos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Francisco Carlos Soares

PALHA ENFARDADA

Vende José F. da Encarnação, aos melhores preços do mercado, Tavira.

OFICIAL DE BARBEIRO E CABELEIREIRO

oferece-se. Quem pretender dirija-se á rua do Carmo, 26—Faro.

Automovel Oakland

Reparado de novo e pintado, vende Arthur Henrique Parada — FARO.

Torneiro mecanico

OFERECE-SE chegado ha pouco de França, onde se foi aperfeiçoar na sua arte.

Trata-se com Cabeçadas & Santos, Ld.ª — FARO.

Para tratamento das vinhas

Vende-se em Faro na nova Casa de Vinhos de J. J. DE SOUSA

—: Rua de Santo Antonio, 34 :—

Os aparelhos necessarios para pó e para liquido

: : Preços vantajosos : :

Tip. Regional Editora L. da

Trabalhos tipograficos em todos os generos

RAPIDEZ PERFEIÇÃO ECONOMIA

Cartões de visita desde 6\$00 o cento

Largo Alexandre Herculano

FABO

32 É O NUMERO DO TELEFONE DA CASA PORTUGAL (CAMISARIA)

Aduelas de Castanho Pipas para vinho Barris para vinho e aguardente. Dornas

Tambem recibo propostas para a venda, já, se convirem as ofertas, da próxima colheita de uvas—cerca de 10.000 cepas. Amendoas de umas 300 amendoeiras, figos, azeitonas e diversos fructos.

Alberto Moutinho — Faro

Trato das 12 ás 13 horas e meia e depois das 18 horas. 886

A. M. PAULA

Cirurgião-Dentista

Rua Conselheiro Bivar, 15. I.º

— FARO —

ALUNAS DO LICEU

Uma ou duas recebem-se em casa de muito respeito. Pedir informações na Rua Belmarço, n.º 37.

Fogão VENDE-SE um de ferro, em estado de novo, na rua Castilho, 14.

VENDE-SE O RETIRO DE S. LUIZ. Tratar no mesmo com Manuel Carmona..

BARBEARIA EM FARO

TRESPASSA-SE, afregueza da e em bom local. Diz-se nesta redacção.

ADEGA

Uma das mais afreguezadas de Faro, com vazilhame para 25000 almudes, trespassa-se com muita ou pouca existencia. Facilita-se o pagamento.

Carta a este jornal, ás iniciais P. J.

Palha entardada, aveia e fava

Vende alguns vagons:

J. M. Vilhena

ALVALADE

BALANÇAS DECIMAES

De 300 e 500 quilos, uzadas, mas em magnifico estado.

Vende José F. da Encarnação. Tavira.

EMPREGADO COMERCIAL

COM CONHECIMENTOS DE CONTABILIDADE e que dê boas informações, precisa João Pires & Filhos, Ld.ª — FARO.

Fábrica de Moagem e Panificação

VENDE-SE em Vila Nova de Caxela, a 100 metros da Estação do Caminho de Ferro, com padaria mecanica anexa e várias dependencias que podem servir para outros ramos de negocio.

Trata-se na séde da firma Celorios, Reis, Brito & C.ª Ld.ª, na mesma vila.

Prensas de ferro

Para azeitona, com 4 columnas, sistema «Mabil». Vende José F. da Encarnação, — Tavira.

Democratas: lêde a Ideia Republicana

Pianos e Pianolas

As melhores marcas do mundo e os melhores preços

VENDE:

ALVARO CRUZ, L.ª

Largo Trindade Coelho, 6 — LISBOA

INFORMA EM FARO:

ANTONIO MADEIRA JUNIOR

Muita atenção!!

QUEREIS BEBER AS VOSSAS REFEIÇÕES BOM VINHO, PURO, POUCO ALCOOLICO, INOFFENSIVO E SABOROSO? Tendes o tinto ou branco de BUCÉLAS, da acreditada casa João Camilo Alves, Ld.ª.

VENDE-SE EM FARO NA RUA DE SANTO ANTONIO, 34 (nova casa de vinhos de J. J. DE SOUSA — Telefone n.º 148.

PREÇOS: Tinto — 5 litros 9\$50

Branco — 5 " 11\$59

=: Dentro da cidade envia-se ao domicilio =:

Lembramos aos srs. Louletanos e Olhanenses as camionetas como bons portadores

MERCERIA ALIANÇA

— DE —

José Pedro da Silva
FARO

O melhor estabelecimento de mercearias desta cidade

Generos de primeira qualidade aos mais baixos preços
Vinhos e licores das melhores marcas
O afamado CAFE SILVA

Samorinha & Samorinha, Ltd.ª

Deposito de:

Ferragens

ARTIGOS PARA CONSTRUÇÃO

■ Cimento nacional ■

■ e estrangeiro ■

Aparelhos completos para retretes

MOSAICOS E AZULEJOS

65, Rua do Alportel, 69—FARO

Vende-se

Carvão sem cisco a 7\$50 a arroba, posto na casa do freguez, desde que seja enviado um simples recado ao largo do Carmo, 39, pois que nós, para evitar que asquerembarços aos Ex.^{mos} freguezes, mandamos todos os dias um carro pelas ruas da cidade para fornecer V. Ex.^{as}.

Carvão ensacado a arroba 7\$00. Petroleo, o litro, 1\$90. Bolas, a duzia, \$60. Cepa a arroba, 3\$00.

A bôa pinga? Só no Largo do Carmo, 39.

JOÃO SOARES VIEGAS

Com casa de pasto
RUA LETES, 29 a 33 — FARO
Bons vinhos e petiscos

Vende-se

Uma casa de moradia terrea, sita na Praça Alexandre Herculano 24 e um armazem na rua da Barqueta n.º 4.

Tratar na rua D. Francisco Gomes, n.º 50 — FARO.

MANTEIGA DE DANOUPE

A melhor e mais barata do mercado
Preços especiais para revenda

Merceria Carvalho

LARGO MUNUEL BELMARÇO
— FARO —

Explicações

Procurar:
Artur Neves

Avenida da Republica, 124

Mil e quinhentos BONETS

CHEGARAM A'
CASA PORTUGAL

Oficina de barro orindário

e em v'dro e tudo o que diz respeito á sua arte,
de Manuel Francisco dos Santos
(em frente da Carreira do tiro)
— FARO —

José Gonçalves Lopes

Oficina de Marcenaria

Mobílias em todos os estilos
Fazem-se urnas para revenda
Compram-se moveis usados
Rua do Alportel, 14 a 22 — FARO

SOCIEDADE DE MADEIRAS, LIMITADA

FARO

Madeiras nacionaes e estrangeiras
aos melhores preços do mercado
TRAVESSA DA MISERICORDIA, 11

Papel de cartas alta fantasia:
avulso muito barato

Livraria Internacional
(JUNTO AO CHIADO)

The GENERAL TIRE

Representantes:
Cabeçadas & Santos, Lda.
FARO

Silva Mealha
Medico-Cirurgião

Ex-Interno dos hospitais de Lisboa
Director do Dispensario anti-tuberculosos

Consults no dispensario das 12 ás 13

Clinica geral e operações

CONSULTORIO:
Praça D. Francisco Gomes 19
MORADA:

Rua Filipe Alistão, 21
— FARO —

Vieira Branco & Teles, L. da

Ferragens, drogas, papelaria
tubagem e torneiras em todos
os diametros

LARGO DA PALMEIRA
FARO

"A IDEIA REPUBLICANA"

Vende-se em FARO na livraria de A. S. Capela, Rua D. Francisco Gomes, 40 e em OLHÃO na sucursal da mesma livraria, Rua do Comercio, 88, agente de todos os jornaes, excepto do «Diario de Noticias».

Recebem-se assinaturas e anuncios para este semanário.

Livraria e Papelaria SILVA

Artigos de escritorio,
: desenho e pintura :

Enorme sortido de calcomanias

Representante das casas :

KODAK, PATHÉ e AGFA

Revistas e jornaes nacionaes
e estrangeiros

Rua D. Francisco Gomes — FARO

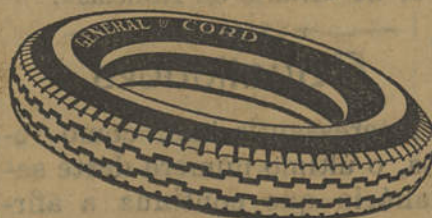
Grande futuro

TERRENO para construção vende-se 1000 metros na avenida 5 de Outubro com 32 metros de frente para a avenida, 32 metros para a rua Camilo Castelo Branco e 32 metros com frente para o jardim do sr. Manuel José Nobre.

Para tratar, rua Francisco Barreto, 25.

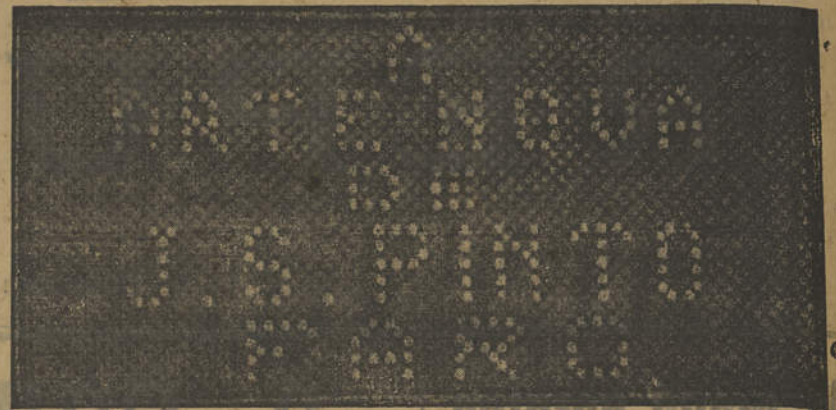
Vende-se

UM PREDIO com moradia, grande quintal e garage, aguas encanadas, cisterna e dois amplos armazens. Bôa construção recente, na estrada de S. Braz. Tratar na rua Conselheiro Bivar, n.º 59 — FARO.



Representantes:
Cabeçadas & Santos, Lda.
FARO

CAPACHOS E COLCHÕES



Preços sem competencia. | Descontos aos revendedores

OFICINA DE CANTEIRO E MARMORE

DE Manuel Rodrigues Palaré

CASA FUNDADA EM 1912

Execução de quaisquer obras concernentes a esta arte, tais como : jazigos, campas, letras em todos os tipos, marmores polidos, etc. Tambem se encarrega de cantarias para obras e trabalhos em grosso para pontes, nóras, lagedos, etc.

Trab lho garantido. — Preços sem competencia

RUA CUNHA MATOS — FARO

Marques, Vaz Velho & Caiado, Ltd. da

Agentes de Navegação

Carreiras regulares de vapôres para todos os portos do mundo

Telegramas ORAF

Telefones n.º 14

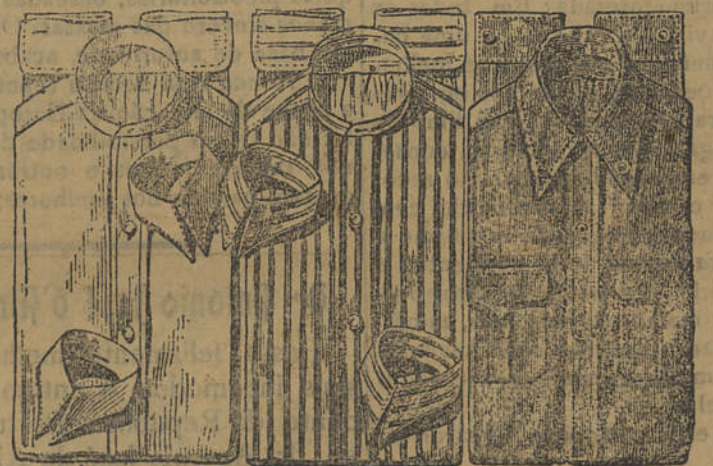
Representantes dos srs.

E. Pinto Bastos & C.ª Ld.ª

Marcus & Harting, Ld.ª, etc.

Enxovaes em 24 horas

Produção (media) 4 camisas por hora (Fabricação mecanica)



Gravataria e artigos de toilette para homem
malas e meias para senhora

Telefone n.º

MARIO VICENTE ROQUE

CASA PORTUGAL

— FARO —

Pedir amostras pelo correio ou telefone.

Manuel Dias Sancho
Casa Bancaria

Rua D. Francisco Gomes — FARO

Todas as operações bancarias

Secção Maritima:

Rua de Santo Antonio, 11 e 13

Agentes de varias companhias de navegação com carreiras regulares para todos os portos do NORTE DA EUROPA, LEVANTE, AFRICA, etc.

Cabaz das Fructas

DE **JOÃO SOTA**

Rua Tenente Valadim — FARO

Esmerado serviço de restaurant

Fructas temporãs e serodias

Vinhos, licôres e champagnes das mais acreditadas
marcas

Figo flôr do Algarve em cestas de todos

os tamanhos, proprias para brindes

Representante da a/sar nada marca de manteigas

: : : « MADRIGAL » : : :